

Boa Nova para cada dia / Março 2015

Gonçalo Miller Guerra, s.j. (Semanas)

António Santana, s.j. (Domingos)

Tempo da Quaresma – S. José, Esposo da Virgem Maria /
Anunciação do Senhor / Domingo de Ramos na Paixão do Senhor

Dom, 1 – DOMINGO II DA QUARESMA – Ano B

Gen 22, 1-2.9a.10-13.15-18 / Slm 115 (116), 10 e 15.16-17.18-19 / Rom 8, 31b-34 /
Mc 9, 2-10

Damos início à segunda etapa do nosso caminho quaresmal com o Evangelho da Transfiguração. A liturgia do domingo passado levou-nos ao deserto e às grandes tentações da humanidade, que Jesus enfrenta centrado no Pai. Agora avançamos na preparação para a Páscoa com o convite a nos deixarmos ir transfigurando à imagem e semelhança de Jesus.

Entramos na cena da Transfiguração de Jesus pela versão do Evangelista S. Marcos. «Jesus tomou consigo Pedro, Tiago e João e subiu só com eles para um lugar retirado num alto monte e transfigurou-Se diante deles». Tudo acontece no cimo da montanha, lugar privilegiado de proximidade e de encontro com Deus. É ali que os discípulos vêem Jesus revestido de glória e ouvem a voz do Pai que diz: «Este é o meu Filho muito amado: escutai-O».

Oração é “subir” em silêncio à montanha para se encontrar com Deus, onde se treina o ouvido a escutar a sua voz. Na agitação dos dias que correm, preenchidos com todo o género de ruídos, dificilmente se consegue parar e escutar. Por isso, em tempo de Quaresma, há que exercitar a disciplina da oração, planificando o tempo possível para meditar na Palavra num lugar de escuta ao que Deus quer dizer. Simone Weil dizia, a este respeito, que «a oração é feita de atenção. Da qualidade da atenção depende em muito a qualidade da oração».

Transfigurados pelo encontro com Jesus, somos depois convidados a “descer” do alto monte para transmitir a Palavra a quem vive ao nosso lado. Por mais consolador que possa ser a intimidade com Deus, não se pode permanecer aí, há

que descer à realidade concreta onde se testemunha a vida transformada e transfigurada.

O patriarca Abraão é um exemplo disto mesmo. Sintonzado com Deus na oração, estava atento ao som que o chamava a mudar a vida a partir de dentro: «“Abraão!” Ele respondeu: “Aqui estou”». Depois segue-se o episódio do sacrifício de Isaac, a total obediência à voz de Deus e à promessa de uma descendência numerosa quando, afinal, tudo acaba em bem. Abraão aceita o desafio de Deus de tornar-se livre e indiferente daquilo que lhe era mais precioso, o seu único filho. Por isso, a recompensa que recebe é desproporcionalmente maior do que aquilo que estava para entregar, porque foi capaz de dar o seu tudo mais precioso.

Seg, 2 – SEMANA II DA QUARESMA

Dan 9, 4b-10 / Slm 78 (79), 8-9.11.13 / Lc 6, 36-38

Perdoai e sereis perdoados. (Evangelho)

Muita gente acha que esta frase não é para ser tomada à letra, mas que Deus nos há-de perdoar se nós perdoarmos ou mesmo se não formos capazes de perdoar. Ora, não é isso que a frase diz. O que a frase diz é que seremos perdoados se perdoarmos. É este o ponto. É isto que temos que fazer, dê lá por onde der. Para isso, temos que saber bem o que é perdoar. Se o leitor tem dificuldades nisto, talvez devesse procurar o conselho de um sacerdote... E, hoje, pedir a graça do perdão.

Neste segundo domingo da Quaresma, vale a pena identificar aquilo que nego a Deus, aquilo que, se Deus me pedisse, eu seria incapaz de Lhe dar. A que coisas me sinto ainda apegado? Como me posso tornar mais livre para Deus?

S. Paulo, na carta que escreve à comunidade cristã de Roma, diz: «Deus, que não poupou o seu próprio Filho, mas O entregou à morte por todos nós, como não havia de nos dar, com Ele, todas as coisas?» Isaac foi poupado a Abraão, mas Deus não poupou o seu Filho pela nossa salvação.

A caminho da Páscoa, agradeçamos a vida de Jesus que dá sentido às nossas vidas, até às dificuldades por que passamos. E deixemo-nos transfigurar por Ele.

Ter, 3 – SEMANA II DA QUARESMA

Is 1, 10.16-20 / Slm 49 (50), 8-9.16bc-17.21.23 / Mt 23, 1-12

Quem se exalta será humilhado. (Evangelho)

«Quem se exalta» quer dizer quem sobe acima daquilo que de facto é, não quem reconhece as suas qualidades com justiça. Porque reconhecer as nossas qualidades é um bem. Reconhecermos aquilo que somos é indispensável para a nossa missão. Mas deixemos que sejam os outros a exaltar-nos, como acontecia com Jesus, a quem era o Pai que exaltava. Era o que fazia com que Jesus Se apercebesse de quem era e qual era a missão que tinha. O leitor deixe que a sua missão venha ter consigo, não a procure puxar à força.

Qua, 4 – SEMANA II DA QUARESMA

Jer 18, 18-20 / Slm 30 (31), 5-6.14.15-16 / Mt 20, 17-28

Quem entre vós quiser tornar-se grande seja vosso servo. (Evangelho)

A grandeza no reino de Deus está no amor, está em estar atento ao que os outros precisam. A grandeza não é fazer por ser servido, não é ser servido, tão pouco é querer ser servido... Muitos de nós não temos sequer hipótese de ser servidos. Não temos cargos de chefia. A maioria das pessoas não pode – não tem hipóteses de – ser servida. Mas todos podemos aspirar a ser servidos. E é no nosso coração que as sementes crescem, neste caso, as sementes do senhorio, as sementes do poder. Arranquemo-las como ervas daninhas. (Temos, no nosso Papa, um bom exemplo.)

Qui, 5 – SEMANA II DA QUARESMA

Jer 17, 5-10 / Slm 1, 1-2.3.4.6 / Lc 16, 19-31

Também não se deixarão convencer se alguém ressuscitar dos mortos. (Evangelho)

O nosso convencimento seja do que for não vem das palavras, vem do coração. As palavras ajudam à adesão do coração. Mesmo as pessoas mais racionais têm movimentos de coração que as ajudam a acreditar e, depois, as palavras podem encher de razões essas crenças. Ou, pelo contrário, podemos começar com razões e depois o coração aderir, mas em última instância é sempre o coração que

tem que estar profundamente apanhado pela nossa crença. Se o coração não estiver «apanhado», nem a ressurreição dos mortos nos convencerá. Trabalhem pois o nosso coração. Como? Com a oração, com a relação, com o afecto. Meditemos nisso.

Sex, 6 – SEMANA II DA QUARESMA / 1ª SEXTA-FEIRA

Gen 37, 3-4.12-13a.17b-28 / Slm 104 (105), 16-17.18-19.20-21 / Mt 21, 33-43.45-46
Ser-vos-á tirado o reino de Deus e dado a um povo que produza os seus frutos. (Evangelho)

Eis uma frase que é de arrepiar e que se fosse levada sério nos faria querer dar frutos. O leitor já imaginou o que seria ser-lhe tirado o reino de Deus? A mim causa-me tremor e temor. Para onde é que iríamos, se nos fosse tirado o reino dos Céus? O que é que nos restaria? O inferno? Temos, pois, que dar frutos, empenharmo-nos em dar frutos, sabermos que damos frutos e vermos que damos frutos. Para estarmos descansados. Não basta semear e deixar a colheita crescer por si. Temos que a vigiar até ao fruto. Nas diferentes áreas da nossa vida...

Sáb, 7 – SEMANA II DA QUARESMA / 1º SÁBADO

Miq 7, 14-15.18-20 / Slm 102 (103), 1-2.3-4.9-10.11-12 / Lc 15, 1-3.11-32
Este homem acolhe os pecadores e come com eles. (Evangelho)

O que para alguns era motivo de escândalo, para nós é motivo de grande graça. Com certeza que Jesus comeria connosco, porque nós somos pecadores. Apesar disso, temos que pecar cada vez menos. E Jesus, lá do Céu, tem aquela alegria, descrita no Evangelho, da circunstância em que o pecador se arrepende. Jesus está connosco quando somos pecadores e todo o Céu se alegra quando nos arrependemos. O que é que o leitor prefere?

Dom, 8 – DOMINGO III DA QUARESMA – Ano B / Dia da Cáritas

Ex 20, 1-17 / Slm 18 (19), 8.9.10.11 / 1 Cor 1, 22-25 / Jo 2, 13-25

A Liturgia da Palavra deste terceiro domingo de Quaresma recorda a Aliança que Deus estabele-

leceu com os homens e lembra que a relação com Deus tem de ser trabalhada e afinada cons-

tantemente. Para chegarmos à Páscoa de coração purificado, é preciso avaliar a forma como vivemos sintonizados com Jesus.

Na primeira leitura, retirada do livro do Êxodo, lemos a proclamação do Decálogo, os dez mandamentos deixados por Deus a Moisés como sinal da Aliança. Neste elenco, encontramos Deus em relação com o povo de Israel, a oferecer-lhe as directrizes para uma vida completa: um primeiro bloco foca a atenção na relação dos homens com Deus; um segundo bloco aponta para a relação dos homens uns com os outros. A vida com Deus tem de assumir a vida inteira do Povo no seu peregrinar terreno.

Ao ler o longo elenco das indicações que expressam a vontade de Deus, muitas vezes se desconfia da liberdade que é deixada a cada um, como se Deus fosse um controlador intransigente dos seus mandamentos. Na verdade, o que nos é oferecido é um conjunto de regras que facilitam o viver do crente, como alguém que caminha em pleno deserto orientado por sinais que delimitam o caminho que guia até lugar seguro.

Em tempo de Quaresma, a Igreja convida-nos a reordenarmos o olhar em direcção a Deus,

viendo os mandamentos como sinais do seu amor, que ajudam quem percorre caminhos de liberdade e de vida verdadeira. Assim, diremos com o salmista: «Os preceitos do Senhor são rectos e alegam o coração; os mandamentos do Senhor são claros e iluminam os olhos».

O Deus de Moisés tem um rosto concreto em Jesus Cristo, o Filho Unigénito encarnado. Jesus vem para revelar o amor do Pai e instaurar definitivamente o reino de Deus entre os homens. Habitados a ouvir Jesus falar da misericórdia e do perdão, a acolher os pecadores e os doentes, estranha-nos, hoje, a sua agressividade e dureza na expulsão dos vendilhões do templo. Nem parece a mesma pessoa! Jesus é exigente quando a Palavra de Deus é desvirtuada em favor de uns poucos que exploram os mais fracos e débeis, quando a casa de Deus é transformada em comércio que justifica tais fins: «Tirai tudo isto daqui; não façais da casa de meu Pai casa de comércio».

O que é notável, no texto, é que Jesus Se apresenta como o “Templo” onde Deus Se encontra com os homens. Como acolho este “Templo” na minha vida? Como dou testemunho, na minha Comunidade eclesial,

da vida de Jesus e da fidelidade aos seus mandamentos?

S. Paulo completa o discurso revelando a verdadeira relação do crente com Jesus: «nós pregamos Cristo crucificado, escândalo para os judeus e loucura para os gentios». Os judeus e os gre-

gos procuravam nos milagres ou na busca da sabedoria filosófica as suas seguranças na relação com Deus. Os cristãos têm de viver numa outra lógica, treinados na «sabedoria de Deus» que Se revela na simplicidade, na humildade e na entrega de Jesus.

Seg, 9 – SEMANA III DA QUARESMA

2 Reis 5, 1-15a / Slm 41, 2-3; 42, 3-4 / Lc 4, 24-30

Passando pelo meio deles, seguiu o seu caminho. (Evangelho)

Fez-me sempre muita impressão esta passagem, que não sei interpretar, de Jesus ter passado no meio «deles». Mas uma das interpretações que me aparece como possível é que ninguém tenha tido coragem de O empurrar do precipício abaixo e Jesus, aproveitando a confusão, tenha pura e simplesmente ido embora. Temos que aproveitar as ocasiões que se nos oferecem para fazer a vontade de Deus. Não podemos ficar à espera, estilo «então, afinal quem é que me atira daqui abaixo?».

Ter, 10 – SEMANA III DA QUARESMA

Dan 3, 25.34-43 / Slm 24 (25) 4bc-5ab.6-7bc.8-9 / Mt 18, 21-35

Assim procederá convosco meu Pai... (Evangelho)

Nosso Pai tratará connosco da mesma maneira que tratarmos o nosso irmão. Não é que nosso Pai vingue o nosso irmão, mas sim que nos chame a atenção para a necessidade do arrependimento. Sabemos que é assim porque temos as parábolas da ovelha perdida e do filho pródigo que nos dão a dimensão de um Deus que acolhe os pecadores e não os trata consoante os seus pecados. O homem prevaricador da parábola do Evangelho de hoje não mostra o arrependimento que temos que ter.

Qua, 11 – SEMANA III DA QUARESMA

Deut 4, 1.5-9 / Slm 147, 12-13.15-16.19-20 / Mt 5, 17-19

... não passará da Lei a mais pequena letra... (Evangelho)

E o que é a Lei? O que é que nos diz Jesus? Jesus diz-nos que a Lei é resumida, é contida em dois mandamentos. (Amar a Deus com todas as forças... Amar o próximo como a nós mesmos.) Hoje, Jesus afirma que a Lei estará sempre a ser cumprida até à sua concretização plena e definitiva, no fim dos tempos. Hoje, rezemos para que possamos participar cada vez mais entusiasticamente no cumprimento daqueles dois mandamentos.

Qui, 12 – SEMANA III DA QUARESMA

Jer 7, 23-28 / Slm 94 (95), 1.2.6-7.8-9 / Lc 11, 14-23

Escutai a minha voz, e Eu serei o vosso Deus. (1ª Leitura)

Se não escutarmos Deus, se não O ouvirmos, Deus não pode actuar. «Ouvir Deus» pode parecer estranho ao leitor, porque Deus não nos fala. É verdade que Deus não nos segreda ao ouvido, mas fala-nos através daquilo que nos toca, através da Bíblia, através de um livro espiritual, de um acontecimento. Temos é que estar atentos. Hoje, veja se costuma estar atento.

Sex, 13 – SEMANA III DA QUARESMA

Os 14, 2-20 / Slm 80 (81), 6c-8a.8bc-9.10-11ab.14.17 / Mc 12, 28b-34

E ninguém mais se atrevia a interrogá-Lo. (Evangelho)

Há palavras que nos enchem de tal maneira que nos deixam sem necessidade de perguntas. Deixam-nos a pensar nessas mesmas palavras. Deixam essas mesmas palavras a ecoar dentro do nosso coração. Nós ficamos a saboreá-las ou, às vezes, a fazer ligações a outras coisas. Hoje proponho ao leitor que tire uma frase de uma das leituras e a saboreie.

Sáb, 14 – SEMANA III DA QUARESMA

Os 6, 1-6 / Slm 50 (51), 3-4.18-19.20-21 / Lc 18, 9-14

... nem sequer se atrevia a erguer os olhos ao Céu. (Evangelho)

Às vezes, podemos não nos atrever a erguer os olhos ao Céu. No caso do publicano, era porque tinha a consciência de ser pecador. Nós, pode ser por isso, ou porque estamos deprimidos ou zangados

com Deus... mas há que fazer um esforço. A Carta aos Hebreus tem uma passagem muito bonita em que diz que não temos hipótese de fugir à palavra de Deus (4, 12 ss.). Mesmo que não queiramos erguer os olhos ao Céu, Deus está sempre a olhar para nós e é preciso que tenhamos consciência disso para nos sentirmos confortados por Ele. Hoje, peçamos a Deus essa consciência.

Dom, 15 – DOMINGO IV DA QUARESMA – Ano B

2 Cr 36, 14-16.19-23 / Slm 136 (137), 1-2.3.4-5.6 / Ef 2, 4-10 / Jo 3, 14-21

A caminho da Páscoa, celebramos hoje o chamado «Domingo Laetare» (Domingo da Alegria). Em tempo de penitência, antevemos já as alegrias que nos esperam no encontro com o Ressuscitado e somos motivados a perseverar nos propósitos que trazemos nesta Quaresma. Como canta o salmista, temos de fazer de Deus «a maior das nossas alegrias».

Duas personagens se destacam nas leituras de hoje: Ciro, Rei da Pérsia no século VI a.C., que permite ao povo de Israel o regresso a casa depois do longo e duro exílio da Babilónia, e Nicodemos, que vai de noite falar com Jesus, inquieto e confiante na sua autoridade.

Ciro vem descrito no Segundo Livro das Crónicas como um homem justo, estrangeiro a Israel, mas instrumento da revelação da misericórdia divina para com o povo hebreu, tantas vezes infiel. Ainda que o povo tenha

pecado, Deus permanece fiel à Aliança que estabelece com os homens e age por onde menos se espera. Na vida do dia-a-dia, diante dos problemas, a alegria de Deus também quase sempre se revela por onde menos esperamos. Quando achamos que temos de controlar a situação e resolver sozinhos o que nos preocupa, Deus vem trocar as voltas ao nosso modo de pensar e de agir. Temos de abrir os olhos ao que nos acontece e a quem vive ao nosso lado. Nos momentos de desânimo, Deus faz-Se presente na esperança que vem dar sentido à vida.

Nicodemos aparece-nos no início do texto do Evangelho segundo S. João, em diálogo com Jesus.

De coração inquieto, quer sobretudo saber o essencial sobre o Messias esperado, onde está e como se pode encontrar. Jesus diz-lhe que «Deus não enviou o Filho ao mundo para condenar o

mundo, mas para que o mundo seja salvo por Ele». Ao pronunciar estas palavras, Jesus evoca o mistério da sua Paixão redentora, a vontade de Deus de vir renovar com o seu amor a vida da humanidade. Depois, acrescenta que «quem pratica a verdade aproxima-se da luz, para que as suas obras sejam manifestas, pois são feitas em Deus».

É pelas boas obras que o crente se identifica com o Filho de Deus, que adquire os seus traços e honra o nome de cristão. Meditando nestas palavras, Nicodemos, depois da morte do Mestre, já não terá medo de se identificar com os amigos de Jesus.

A Quaresma é um tempo propício para treinar as obras de misericórdia em favor dos mais desfavorecidos, oferecendo o

que se tem em excesso, renunciando a alguma coisa em favor de uma obra social, partilhando dons e talentos colocados ao serviço da comunidade eclesial onde se vive. Se fazemos parte do povo de Deus que tem em Jesus o seu critério de vida, temos de nos pôr a caminho em obras concretas.

Por fim, diz o apóstolo S. Paulo à comunidade cristã de Éfeso que «a salvação não vem de vós: é dom de Deus». A salvação é puro dom de Deus que, na sua gratuidade, oferece o melhor de si mesmo, o seu Filho, como caminho para uma vida mais autêntica e verdadeira. O que é preciso fazer é dispor-se a deixar-se trabalhar por Ele, como fizeram Ciro e Nicodemos com as suas boas obras.

Seg, 16 – SEMANA IV DA QUARESMA

Is 65, 17-21 / Slm 29 (30) 2 e 4.5-6.11.12a.13b / Jo 4, 43-54
... não mais se recordará o passado. (1ª Leitura)

Não é possível não nos recordarmos dos erros passados e às vezes ainda bem. Mas é possível agir como se esses pecados estivessem definitivamente para trás das nossas costas, como se Deus tivesse construído em nós «novos céus e nova terra». Pratiquemo-lo, pois. Quais são os pecados que o leitor, hoje, vai considerar definitivamente para trás das costas?

Ter, 17 – SEMANA IV DA QUARESMA

Ez 47, 1-9.12 / Slm 45 (46), 2-3.5-6.8-9 / Jo 5, 1-3a.5-16
Levanta-te ... e anda. (Evangelho)

Hoje, proponho ao leitor que se levante e ande a partir do estado em que está. Proponho-Lhe que hoje esteja com Deus como estaria de mãos dadas com uma pessoa que ama. O leitor fique quieto, nesta oração de sintonia com Deus, durante um bocado, como ficaria com uma pessoa que ama. E no fim da oração vai ver que se levantou do sítio onde estava anteriormente e que foi transportado para um sítio novo na sua vida.

Qua, 18 – SEMANA IV DA QUARESMA

Is 49, 8-15 / Slm 144, 8-9. 13.14.17.18 / Jo 5, 17-30

Fazendo-Se igual a Deus... (Evangelho)

Podemos nós fazer-nos iguais a Deus? Bem, fazer-nos podemos, mas podemos ser? Não; quanto mais não fosse, porque Jesus não teve pecado. Mas podemos – e devemos (embora enquanto o façamos por dever andemos sempre coxos) – tentar amar sempre, amar até ao fim, amar com inteligência, com todo o coração, com todas as nossas forças. Ao menos, tentemos. O leitor tenta?

Qui, 19 – S. JOSÉ, ESPOSO DA VIRGEM SANTA MARIA (Solenidade) / Dia do Pai

2 Sam 7, 4-5a.12-14a.16 / Slm 88 (89), 2-3.4-5.27.29 / Rom 4, 13.16-18.22 / Mt 1, 16.18-21.24a

... não temas receber Maria... (Evangelho)

Nós não devemos recear receber Nossa Senhora dentro de nós. Nossa Senhora tem um poder de aconchego muito grande, que devemos experimentar ou talvez já tenhamos experimentado. Hoje proponho ao leitor que se sente ao colo de Nossa Senhora, pouse a sua cabeça no seu ombro e se deixe ficar assim, aconchegado pela Senhora, sua Mãe. Se quiser, converse com a sua Mãe ou deixe-se só estar. Abandone-se à sua Mãe do Céu.

Sex, 20 – SEMANA IV DA QUARESMA

Sab 2, 1a.12-22 / Slm 33 (34), 17-18.19-20.21.23 / Jo 7, 1-2.10.25-30

[Os ímpios] ignoram os segredos de Deus. (1ª Leitura)

E o leitor também ignora os segredos de Deus? Se calhar, nunca pensou nisso. O que serão os segredos de Deus? Só sabemos o que Jesus nos veio dizer. No fundo, que os segredos de Deus que o ímpio não conhece mas, subentende-se da frase, o piedoso conhece, são a misericórdia e o amor. É este o grande segredo de Deus. Hoje, o leitor contemple-o.

Sáb, 21 – SEMANA IV DA QUARESMA

Jer 11, 18-20 / Slm 7, 2-3.9bc.-10.11-12 / Jo 7, 40-53

Também vos deixastes seduzir? (Evangelho)

Os guardas, a quem os príncipes dos sacerdotes se dirigiam, tinham-se deixado seduzir pelas palavras de Jesus. Provavelmente, foram prendê-lo de coração aberto. Quero dizer, para os guardas, prender Jesus era só mais uma tarefa e como não estavam aperreados contra Jesus deixaram-se atrair. É tudo o que Deus nos pede, um coração aberto. Um coração aberto que às vezes o pecado fecha. O leitor mantenha-o aberto.

Dom, 22 – DOMINGO V DA QUARESMA – Ano B

Jer 31, 31-34 / Slm 50 (51), 3-4.12-13.14-15 / Hebr 5, 7-9 / Jo 12, 20-33

Caminhamos a passos largos para a Páscoa, ao encontro de Cristo Ressuscitado. Contemplar o mistério do Filho de Deus que dá a vida pela redenção da humanidade pressupõe um coração purificado e trabalhado no confronto com a Palavra de Deus. Neste sentido, as leituras deste quinto Domingo da Quaresma lembram que já chegou a “hora” definitiva da Nova Aliança de Deus com os homens.

A leitura do Livro de Jeremias foca-nos no tema da Aliança

que Deus estabelece com a casa de Israel. Pela voz do profeta, Deus revela uma aliança nova, que será alicerçada na bondade, no perdão e gravada no coração de todos os homens: «Hei-de imprimir a minha lei no íntimo da sua alma e gravá-la-ei no seu coração. Eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo. Vou perdoar os seus pecados e não mais recordarei as suas faltas». Enquanto lemos a profecia, rapidamente a identificamos com a pessoa de Jesus, que passou fazendo o bem,

curando as enfermidades dos doentes, perdoando os pecados de quem convertia e pacificando os corações atribulados.

Como me identifico com estas palavras? O que tenho feito, nesta Quaresma, para tornar os meus gestos mais parecidos com Jesus? E o que me falta para viver de coração purificado? Há quanto tempo não me confesso? Nesta semana que agora se inicia, a caminho do Domingo de Ramos, pode ajudar procurar um sacerdote com quem possa conversar e, eventualmente, pedir o Sacramento da Reconciliação.

Jesus, apesar de ser Filho de Deus, não deixou de viver e de experimentar as dores e as dificuldades da humanidade, até ao extremo de dar a sua vida para que a Vida pudesse habitar entre os homens. «Apesar de ser Filho, aprendeu a obediência no sofrimento e, tendo atingido a sua plenitude, tornou-Se para todos os que Lhe obedecem causa de salvação eterna», diz-nos a Epístola aos Hebreus. Jesus caminha para a Paixão com sentimentos de misericórdia e de obediência ao Pai, não se demitindo da sua

missão redentora. Com esta atitude, torna-se modelo de todos os crentes que procuram a vontade de Deus para as suas vidas. Como posso ir percebendo, nos acontecimentos da vida, como caminhar ao encontro deste Jesus que deu a vida por mim?

No Evangelho de S. João, Jesus diz: «Chegou a hora em que o Filho do Homem vai ser glorificado. Em verdade, em verdade vos digo: Se o grão de trigo, lançado à terra, não morrer, fica só; mas se morrer, dará muito fruto». A “hora” de Jesus é a hora da sua morte na cruz como porta para uma vida nova. Passando por esta “hora”, o Filho de Deus é glorificado e os homens tornam-se concidadãos do reino dos Céus. Esta vida nova é também o estabelecer da Nova Aliança que renova os homens a partir de dentro no Amor de Deus, que ensina a morrer para nascer de novo. Este é o dinamismo do Mistério Pascal de morte-ressurreição no qual todos os crentes estão implicados.

A que tenho de morrer, nesta Quaresma, de vícios e defeitos, para renascer em virtudes e qualidades?

Seg, 23 – SEMANA V DA QUARESMA

Dan 13, 1-9.15-17.19-30.33-62 / Slm 22 (23) 1-2a.2b-3.5-6 / Jo 8, 1-11

Também Eu não te condeno. Vai e não tornes a pecar. (Evangelho)

Deus não nos condena. Quer é que não voltemos a pecar, o que parece absolutamente impossível, embora a Igreja nos diga que temos graça suficiente para tal. Sim, temos, mas muitas vezes parece mesmo que não chega, não é? Não pecarmos parece uma coisa do outro mundo. Não é tanto o pecado de fazermos coisas más, mas o pecado de não darmos sempre o nosso melhor. E, no entanto, é por isso que temos que lutar; por isso que nos parece impossível. Se a humanidade não sonhasse com o impossível nunca tinha passado da cepa torta. Temos, pois, que sonhar não pecar.

Ter, 24 – SEMANA V DA QUARESMA

Num 21, 4-9 / Slm 101 (102), 2-3.16-18.19-21 / Jo 8, 21-30

Eu faço sempre o que é do seu agrado. (Evangelho)

Se considerarmos Deus como alguém que está do outro lado da nossa felicidade, fazer aquilo que é do seu agrado parece despersonalizar-nos. Já o caso muda de figura se percebermos que a vontade de Deus nos faz felizes. Então ficamos na posição da criança que, antes de atravessar a rua, olha para os lados, já não com medo de apanhar, mas porque percebeu que, se não o fizer, fica debaixo de um carro. A vontade de Deus deixou de ser um peso. Ou não?

Qua, 25 – ANUNCIAÇÃO DO SENHOR (Solenidade)

Is 7, 10-14; 8, 10 / Slm 39 (40), 7-9.10.11 / Heb 10, 4-10 / Lc 1, 26-38

Ela ficou perturbada com estas palavras. (Evangelho)

Enquanto nos deixarmos perturbar com as palavras de Jesus quer dizer que ainda não “morremos”. O leitor esteja sempre atento se se deixa perturbar. Quando as palavras de Jesus lhe forem indiferentes é mau sinal. Às vezes, não é uma questão de nos serem indiferentes mas de não nos moverem à acção. Isso é talvez o mais comum. O leitor tenha atenção a isso.

Qui, 26 – SEMANA V DA QUARESMA

Gen 17, 3-9 / Slm 104 (105), 4-5.6-7.8-9 / Jo 8, 51-59

Eu conheço-O. (Evangelho)

Como é que nós sabemos que conhecemos a Deus? Parece-me simples: pelos frutos. Mas isto que teoricamente parece simples – «pelos frutos» –, na prática não é assim tão simples. Não é assim tão simples dar bons frutos. Exige muito amor e discernimento, o que vulgarmente chamamos «cabeça»; exige amor e muita cabeça. Amar implica saber como amar, senão não temos em consideração nem as necessidades do outro nem as nossas. Conhecer a Deus é amar com cabeça. O leitor medite nisto.

Sex, 27 – SEMANA V DA QUARESMA

Jer 20, 10-13 / Slm 17 (18), 2-3a.3bc-4.5-6.7 / Jo 10, 31-42

Vós sois deuses. (Evangelho)

Em que é que somos deuses? Somos filhos de Deus. E qual é a característica que herdámos do nosso Pai que nos torna mais semelhantes a Ele? O amor. Desde o dia do nosso nascimento, amamos tendencialmente cada vez mais. E quando ressuscitamos, amamos sempre cada vez mais. Amamos sempre cada vez mais, assim infinitamente. Claro que o leitor já começou a amar. Há muito. Mas intensifique. (E seja concreto.)

Sáb, 28 – SEMANA V DA QUARESMA

Ez 37, 21-28 / Jer 31, 10.11-12ab.13 / Jo 11, 45-56

A partir desse dia, decidiram matar Jesus. (Evangelho)

Os chefes dos Judeus resolveram matar um inocente para que os Romanos não destruíssem a «nação». Temos que ter cuidado em não fazer nada de parecido porque coisas como estas não fazemos, com certeza, mas podemos ser tentados a torcer a realidade para servir os nossos interesses e, no meio, sacrificar alguém. Isso pode acontecer na nossa família, nos nossos amigos, no nosso trabalho, etc. Façamos, hoje, um exame de consciência sem pressas.

Dom, 29 – DOMINGO DE RAMOS NA PAIXÃO DO SENHOR – Ano B / Dia da Juventude

Procissão: Mc 11, 1-10 ou Jo 12, 12-16

Missa: Is 50, 4-7 / Slm 21 (22) 8-9.17-18a.19-20.23-24 / Filip 2, 6-11 / Mc 14, 1 – 15, 47

Com o Domingo de Ramos entramos na Semana Santa, que nos conduz à Páscoa do Senhor. Esta “Semana Maior” de todo o calendário litúrgico e da vida dos cristãos conduz-nos à contemplação e à meditação do mistério da Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus. De ramos na mão, aclamemos também Aquele que vem montado num jumento, cantando: «Hossana! Bendito O que vem em nome do Senhor! Hossana nas alturas!».

Se a procissão de entrada nos recorda a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém, aclamado pelas gentes como Cristo vitorioso, a liturgia da Palavra convida-nos a acompanhar o Senhor no duro caminho até à Cruz. A narração da Paixão, que nos chega hoje na versão do Evangelho de S. Marcos, é longa e desafiante. Os judeus conspiram a morte de Jesus e Judas – um dos doze Apóstolos – vende o Mestre enquanto se prepara a ceia pascal. Depois da refeição que dá origem à Eucaristia, Pedro nega o amigo por três vezes, enfraquecido pela violência dos gestos opressores. E enquanto tudo acontece, Jesus reza ao Pai no horto, atravessa os diversos tribunais por onde passa mantendo-Se firme na verdade e na

justiça. Ainda que seja Filho de Deus, aceita uma coroa de espinhos como símbolo da sua realeza e assume a cruz como o trono da sua glória.

O Servo de Deus faz-Se servo dos homens e anuncia a vida tornada dom gratuito e serviço sem medida. Quando escutamos a narração de Isaías do chamado «servo sofredor», imediatamente o identificamos com Cristo, na afinidade da narração com a figura de Jesus escarnecido. Diz o profeta: «Apresentei as costas àqueles que me batiam e a face aos que me arrancavam a barba; não desviei o meu rosto dos que me insultavam e cuspiam»; e completa: «mas o Senhor Deus veio em meu auxílio». Para libertar os homens de tudo o que aprisiona, daquilo que gera divisão, ódio, orgulho, egoísmo e escravidão, Jesus deixou-Se morrer numa cruz.

Jesus Cristo é, para nós, exemplo de obediência ao Pai e de serviço aos homens, como escreve S. Paulo aos Filipenses: «Aparecendo como homem, humilhou-Se ainda mais, obedecendo até à morte e morte de cruz. Por isso Deus O exaltou e Lhe deu um nome que está acima de todos os nomes, para que ao nome de Jesus todos se ajoelhem, no céu, na terra e nos

abismos, e toda a língua proclame que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai».

Dizia uma antiga homilia do dia de Ramos, datada do século V e atribuída a Santo Epifânio de Salamina: «Dia de festa admirável, pela sua novidade, surpreendente e estupenda: as crianças aclamam a Cristo como Deus e os sacerdotes maldizem-No, as crianças

adoram-No e os doutores da lei desprezam-No e caluniam-No. As crianças dizem: “Hossana!” e os seus inimigos gritam: “Crucifica-O!” Aquelas juntam-se ao redor de Cristo com palmas, estes atiram-se a Ele com espadas; aquelas cortam os ramos, estes preparam uma cruz».

Façamos parte do grupo das crianças que acolhem o Salvador e aclamemos a sua glória.

Seg, 30 – SEGUNDA-FEIRA DA SEMANA SANTA

Is 42, 1-7 / Slm 26 (27), 1-2.3.13-14 / Jo 12, 1-11

... resolveram matar também Lázaro. (Evangelho)

«Porque muitos judeus, por causa dele, (...) acreditavam em Jesus». Ainda não há muito tempo se falou com alguma vivacidade na questão da liberdade de expressão e no respeito pela religião. Como o texto mostra, são assuntos que nunca foram pacíficos. E são assuntos sobre os quais – entre outros – nós, católicos portugueses, temos que ter uma posição. Temos que ser católicos informados e decididos. O leitor é-o?

Ter, 31 – TERÇA-FEIRA DA SEMANA SANTA

Is 49, 1-6 / Slm 70 (71), 1-2.3-4a.5-6ab.15ab.17 / Jo 13, 21-23.36-38

... sem que Me tenhas negado três vezes. (Evangelho)

Pedro negou Cristo por medo. Nós nem negamos Cristo daquela maneira, nem temos medo de ser crucificados. Mas temos pequenas negações para escapar a pequenos incómodos. Deixarmo-nos estar sentados quando podíamos ajudar, ou – as senhoras, às vezes – deixar que outros ajudem, suportando nós o incómodo de as coisas não ficarem feitas exactamente como queremos, não atendermos o telefonema daquela pessoa aborrecida, etc. Façamos, hoje, uma breve análise retrospectiva.